

## ELISABETE DA CUNHA:

### UMA ASTROFÍSICA PORTUGUESA NA VANGUARDA DA CIÊNCIA GLOBAL

Por Daniel BASTOS



Uma das marcas mais distintivas das comunidades portuguesas espalhadas pelos quatro cantos do mundo é a sua reconhecida vocação empreendedora. Ao longo de décadas, inúmeros compatriotas têm afirmado percursos de sucesso, criando empresas sólidas e desempenhando funções de relevo nos planos cultural, social, económico, político e científico.

Neste último domínio, e numa época em que o mundo se encontra cada vez mais interligado e dependente do conhecimento tecnológico, a diáspora científica portuguesa — constituída, em larga medida, por profissionais altamente qualificados — é hoje amplamente reconhecida como uma mais-valia para o desenvolvimento dos países de acolhimento. Simultaneamente, afirma-se como um ativo estratégico na transferência de conhecimento, na promoção internacional de Portugal e na afirmação de uma ciência sem fronteiras.

É neste contexto que se destaca o percurso paradigmático e inspirador de Elisabete da Cunha, investigadora da Universidade da Austrália Ocidental e uma referência internacional na área da astrofísica. Ao longo da sua carreira, tem trabalhado com alguns dos mais avançados instrumentos de observação do Universo, incluindo o *James Webb Space Telescope*, posicionando-se na linha da frente da investigação contemporânea.

Filha de emigrantes portugueses, Elisabete da Cunha nasceu em Paris, mas foi no Alto

Mínho, na vila de Barroselas (Viana do Castelo), que cresceu, após o regresso da família a Portugal quando tinha sete anos, juntamente com o seu irmão gémeo. Foi a partir deste contexto que construiu um percurso académico sólido, alicerçado numa licenciatura em Física/Matemática Aplicada (Astronomia), pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (2005), e num doutoramento pela Universidade de Paris VI (Pierre et Marie Curie), concluído em 2008.

Seguiram-se vários períodos de investigação pós-doutoral na Grécia, Alemanha e Austrália, país onde se fixou em 2014. Após passagens por Melbourne e Camberra, estabeleceu-se em Perth, onde, desde 2019, exerce funções como investigadora sénior e professora associada no Centro Internacional de Investigação em Radioastronomia da Universidade da Austrália Ocidental.

O seu percurso científico, marcado por uma notável consistência e projeção internacional, inclui participação em projetos científicos de grande escala associados a infraestruturas de referência, como o ALMA e o *James Webb Space Telescope*. A sua investigação combina observações profundas do cosmos com modelos teóricos sofisticados, permitindo compreender de que forma galáxias como a Via Láctea se formaram e evoluíram ao longo de milhares de milhões de anos.

Entre os seus contributos mais relevantes destaca-se o desenvolvimento do MAGPHYS, uma ferramenta amplamente utilizada pela comunidade científica internacional, que permite



Elisabete da Cunha, professora na Universidade da Austrália Ocidental e investigadora em Astrofísica – © University of Western Australia (UWA).

inferir propriedades físicas das galáxias a partir de dados observacionais em diferentes comprimentos de onda. O impacto do seu trabalho traduziu-se no reconhecimento como “Investigadora Altamente Citada” pela Clarivate em 2023 e 2025, bem como na atribuição de diversos prémios, entre os quais o de “Cidadã Portuguesa do Ano da Austrália Ocidental” (2023) e distinções académicas de relevo no contexto da investigação científica australiana.

Apesar de uma carreira consolidada além-fronteiras, Elisabete da Cunha mantém uma ligação estreita a Portugal. Em 2019, copresidiu, em Viana do Castelo, um simpósio da União Astronómica Internacional dedicado à evolução precoce das galáxias na era do ALMA e do *James Webb Space Telescope*, reunin-

do mais de 170 especialistas de todo o mundo. Mais recentemente, publicou a obra *O que se Passa Acima das Nossas Cabeças*, dirigida ao público português, com o propósito de aproximar a sociedade dos grandes desafios e descobertas da ciência contemporânea.

O seu percurso evidencia, de forma clara, o papel inovador da diáspora científica portuguesa na produção de conhecimento de ponta e na construção de pontes entre Portugal e o mundo. Elisabete da Cunha personifica uma geração de investigadores que, sem perderem o vínculo às suas origens, projetam o nome do país no panorama científico internacional, contribuindo para a valorização do capital humano português e para a afirmação de Portugal como um ator relevante na ciência global.

LP

## Equipa Olívia Paiva®

		
<b>Chantal Oliveira</b> Cel (514) 501-3610 chantal.oliveira@remax-quebec.com	<b>Olívia Paiva</b> Cel (514) 707-8877 olivia.paiva@remax-quebec.com	<b>Emely Oliveira</b> Cel (514) 265-4675 emely.oliveira@remax-quebec.com

	
Pierrefonds – Casa com três quartos, subsolo terminado, piscina, garagem, com belo quintal.	Saint-Eustache – Casa com quatro quartos, duas casas de banho, subsolo terminado, piscina, garagem e quintal.
	
Villeray - - Triplex com subsolo terminado e garagem. Excelente oportunidade.	Mascouche – Casa com quatro quartos, susolo, piscina e quintal.

## Avaliações gratuitas

## T(H)ANTA MENTIRA

### Fevereiro em maio e as distrações globais

Por Chrys CHRYSTELLO



Chuva incessante, 100% de humidade, 11/°C... fevereiro parece nunca acabar. Enquanto o clima confunde com El Niño e La Niña, um novo vírus surge: o Hanta. Desta vez, não são morcegos, mas ratos que circulam por governos e repartições, e a suspeita de contágio cresce.

Cem dias após os arquivos de Epstein, a justiça parece ausente. No lugar, tivemos guerras, epidemias de carrapatos, vacinas controversas, prisões de funcionários da Disney, vazamento de arquivos sobre extraterrestres e até uma viagem “crível” à lua. Epstein desapareceu do foco.

A enxurrada de notícias sobre ÓVNIS levanta suspeitas: distração planeada? Fóruns e redes sociais fervem, especulando que cada nova onda de ÓVNIS coincide com pressões sobre figuras poderosas ligadas a Epstein. Evidências? Nenhuma confirmada. Mas a narrativa já pegou.

Enquanto isso, o Reino Unido lança médicos de paraquedas em Tristão da Cunha, a ilha habitada mais isolada do mundo, devido a um caso suspeito de hantavirose. Uma operação arriscada e desnecessária, já que a ilha isola naturalmente a população e o vírus raramente se transmite entre as pessoas. Um gesto mais de espetáculo público do que de saúde.

O arquipélago, descoberto em 1506, tem 216 habitantes, um pequeno porto, um hospital, uma escola e um clube de futebol. Sem aeroporto, comunicação limitada e isolamento extremo, é o cenário perfeito para quarentena, mas também para narrativas sensacionais.

Paralelamente, teorias sobre Bill Gates e vacinas reacendem discussões sobre a influência de elites na saúde pública, enquanto distrações — como ÓVNIS, vírus e aventuras improváveis — dominam o noticiário.

No fundo, não há surtos nem invasões alienígenas: apenas distrações. Enquanto isso, segundo o físico Vlatko Vedral, cada observação cria ramificações em universos paralelos — múltiplos “você” vivendo versões diferentes da mesma realidade. Em algum lugar, uma versão melhor da sua vida segue, enquanto a observável lida com as consequências.

No caos informativo de 2026, a pergunta permanece: estamos a ser informados ou apenas distraídos? LP